

## ESPAÇO URBANO DE VITORIA DA CONQUISTA: LUGAR DE OPORTUNIDADES. PARA QUEM?

*URBAN SPACE OF VITORIA DA CONQUISTA: PLACE OF OPPORTUNITIES. FOR WHO?*

**Priscilla Sandes Ferraz  
Vilomar Sandes Sampaio<sup>1</sup>**

### RESUMO

O presente artigo busca apresentar uma breve análise do processo de urbanização de Vitória da Conquista, considerada capital regional pelos estudos sobre a Região de Influência das Cidades (REGIC). Essa pesquisa tem como objetivo geral discutir a produção do espaço urbano de Vitória da Conquista e suas consequências a partir de alguns indicadores demográficos, socioeconômicos e urbanísticos. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se como método a revisão bibliográfica crítica exploratória por meio da abordagem da produção do espaço urbano, através de leituras e de procedimento para observação dos índices e taxas divulgadas pelo IBGE, ATLAS e DATAPEDIA. Desse modo, os indicadores evidenciam um quadro controverso da urbanização, em que, mesmo conquistando posições de destaque como cidade de influência regional, ainda sofre com índices preocupantes de desigualdade social, caracterizando a cidade como um espaço desigual em condições sociais.

**Palavras-chave:** Produção do Espaço Urbano; Cidades Médias; Rede Urbana.

### ABSTRACT

This article aims to present a brief analysis of the urbanization process in Vitória da Conquista, considered a regional capital by the studies of Regiões de Influências da Cidade ("Regions of City Influences") - REGIC. The general objective of this research is to discuss the production of the urban space in Vitória da Conquista and its consequences from demographic, socioeconomic and urbanistic indicators. To develop this study, it was used as a method the critical bibliographical review by the approach of the production of the urban space, through readings and observance of the indexes and rates published by IBGE, ATLAS and DATAPEDIA. Thus, the indicators show a controversial picture of urbanization, in which, even accomplishing prominent positions as a town of regional influence, it still suffers with serious indexes of social inequality, characterizing this city as an uneven space into social conditions.

**Keywords:** Urban Environment Production; Medium Cities; Urban Network.

## Introdução

O processo histórico de urbanização brasileira é marcado pela valorização do solo urbano e do aumento na circulação do capital, principalmente nas grandes metrópoles do país, modificando de maneira significativa a forma de produzir o espaço de maneira equilibrada do ponto de vista humano. Ermínia Maricato (2000) aponta que no Brasil em “[...] 1940 a população urbana era de 26,30% do total de habitantes, em 2000 alcançou 81,2%”. Para Maricato, o processo de urbanização do Brasil, com a finalidade de sanar algumas necessidades e anseios como: saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial, contribuíram para uma modernização incompleta ou excludente.

Posto isto, o caminho do compreender a urbanização tem passado por inúmeras mudanças, antes, início do século XX até meados de 1980, a produção do espaço era associada ao processo de industrialização e atrelado a alguma cidade (metrópoles). No entanto, nas últimas décadas, o re (pensar) na forma de construção das cidades tem sido objeto de análise de vários profissionais, por conta do movimento de concentração e fragmentação dos espaços (TORO, 2015).

A análise sobre a produção e estruturação do espaço urbano foi determinante para compreender os espaços na contemporaneidade e suas contradições. Henri Lefebvre (1976) *apud* por Mariana Toro (2015) aponta que “[...] o urbano se manifesta no curso da explosão da cidade, sendo necessário observar os aspectos desapercibidos como: a centralidade, o espaço como lugar de encontro e a monumentalidade”.

A expressão “explosão da cidade” citada por Henri Lefebvre (1976) refere-se à expansão da rede urbana, por conta do processo de urbanização. Partindo do ponto de que “[...] as características das cidades, antes monumentais, das cidades históricas, não desaparecem com a modernidade, mas são englobadas pelo urbano” (TORO, 2015), as novas relações globais, faz com que o espaço seja lugar de encontro, produto social, produzido por meio das transformações sociais, políticas e econômicas.

Autores como Milton Santos (1994), Henri Lefebvre (1976) e Roberto Corrêa

(1989) comungam do mesmo pensamento, ao apontarem que o espaço urbano, recorte espacial do espaço geográfico, é produzido pela própria sociedade e este espaço social nas palavras de Milton Santos (1994) é a expressão da sociedade que o produz, em que, o espaço é produzido, mutável e dinâmico.

Para Milton Santos (1977), o próprio espaço é uma formação social, ou seja, o homem não trabalha de forma isolada e sim coletivamente no processo de produção do espaço geográfico, em que “[...] todos os processos que, juntos, formam um modo de produção (...) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social” (SANTOS, 1977, p. 28).

Nesta perspectiva, a configuração socioespacial urbana revela em si um processo de segregação e desigualdade social, como aponta Botelho (2012)

[...] a produção e o consumo do espaço, assim como a urbanização, estão inseridos no amplo processo de reprodução das relações de produção capitalistas, na medida em que são guiados pelos ditames da propriedade privada e são regulados pelas necessidades do capital, de gerar valor excedente (BOTELHO, 2012).

Sendo o espaço produto da sociedade, ou seja, produto dos agentes sociais, percebe-se que a relação espaço-sociedade ocorre de forma desigual. Os agentes sociais referem-se aos proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, o Estado, os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 1989). Assim, os agentes sociais que produzem e modelam o espaço, fazem de forma contraditória, pois direta ou indiretamente, transformam as cidades face às exigências do modo de produção capitalistas, em que, na “modernidade, o espaço passou a ser mercadoria e condição para a reprodução do capital” (CARLOS, 2009).

Tal fenômeno está presente em Vitória da Conquista, pois essa cidade exerce uma influência marcante no seu papel de polo regional, sendo uma cidade de médio porte, com novos papéis urbanos, por conta das transformações ocorridas ao longo dos anos, evidenciado no seu processo de urbanização e na valorização do solo urbano.

### **Cidades Médias: novas centralidades.**

A formação das cidades médias reafirma o fenômeno urbano ocorrido no

Brasil (SANTOS, 1994), pois o aumento populacional das pequenas cidades faz delas metrópoles regionais, passando a ser capitais regionais de influência. As metrópoles brasileiras, em especial a cidade de São Paulo, concentraram por um longo tempo os setores econômicos de ponta, no entanto, as mudanças de capital industrial para capital financeiro, provocou a desconcentração produtiva (CARLOS, 2009).

A diminuição das indústrias paulistanas e a transferência para outras localidades com inúmeros benefícios e vantagens competitivas (mão de obra com custos reduzidos e incentivos fiscais, por exemplo) fez com que esse movimento provoque mudanças significativas nas cidades pequenas, repetindo as mesmas transformações ocorridas primeiramente pelas metrópoles.

A modificação do perfil das cidades assume um papel de relevância na rede urbana do país, ao surgir novas configurações territoriais e conseqüentemente espaciais. Essas novas formas de produzir, fizeram das pequenas, médias e grandes cidades, are de influência regional. De acordo ao estudo elaborado por Scherer e Amaral (2020) “[...] em 2010, houve notável alteração do padrão espacial das cidades médias na rede urbana brasileira, com destacado processo de interiorização desses centros, particularmente no Norte e Nordeste do país”.

Nesta perspectiva, Scherer e Amaral (2020) afirmam que:

Sua capacidade de articulação depende, sobretudo, da sua escala (tamanho), da natureza da sua base produtiva, de sua localização e da infraestrutura de transporte que ela desfruta. Nesse contexto, pensar a região sem levar em conta o papel desempenhado pelos diferentes tipos de cidade que a compõem torna-se, no mínimo, exercício com alcance bastante limitado. Assim, ao abordar a questão regional brasileira recente, é fundamental que se levem em conta as cidades como elemento de articulação e transformação local, em especial as médias, que, ao cumprirem funções de intermediação entre os grandes núcleos urbanos metropolitanos e as pequenas cidades e o meio rural, têm destacado papel como fator de balanceamento da rede urbana (SCHERER e AMARAL, 2020).

A interiorização da urbanização ocorreu quando as metrópoles brasileiras, ao passar pelo processo de desconcentração industrial, abriram caminhos para que cidades pequenas em busca de dinamizar a economia local, pudessem receber empresas seja nos setores de serviços, industrial e comercial, ofertando assim, novos

espaços produtivos.

O espaço urbano, mercadoria da modernidade, é produzido e organizado conforme o padrão capitalista e provoca uma urbanização desigual com a segregação de espaços (separação entre o centro e a periferia) nas cidades médias, ocorrendo às mesmas transformações vivenciadas pelas metrópoles brasileiras (CARLOS, 2009).

Neste sentido, Loboda e Schmidt (2011), destacam a produção desigual do espaço urbano como provenientes das ações e intencionalidades dos agentes imobiliários com o intuito de valorizar o solo urbano, proporcionando vantagens para aumentar a circulação do capital, como apontam:

Os interesses dos agentes imobiliários garantem o controle do espaço pela estratégia da supervalorização dos setores já estruturados na área urbana, uma vez que a ocupação é construída e estimulada pelas relações pessoais e pelos interesses individuais. Nessa direção, o centro e arredores podem ser definidos como territórios para representação da política local e da supervalorização dos imóveis, alvo dos novos empreendimentos imobiliários (LOBODA; SCHMIDT, 2011, p. 27).

Dentro desta transformação no (re) pensar sobre o urbano, as cidades médias, com novos papéis urbanos se destacam regionalmente, pelo fato de terem um papel estratégico na rede urbana em vários segmentos, sobretudo no setor terciário e de serviços. Essas cidades vêm aumentando não só demograficamente, mas também, economicamente, por ofertarem serviços e serem consumidos em demasia, ou seja, as transformações na rede urbana das cidades médias provêm tanto do crescimento populacional residente, como também da sua influência urbana regional.

### **Produção do Espaço Urbano de Vitória da Conquista**

A formação do espaço urbano de Vitória da Conquista indica mudanças no tempo-espaço. O processo de urbanização dessa cidade teve seu marco inicial a partir de 1752, às margens do Rio Verruga, centro da cidade, em volta da Praça Tancredo Neves, antiga Jardim das Borboletas, chamada inicialmente por Arraial da Conquista, e tornando-se cidade em 1840 (IBGE, 2017).

A cidade localiza-se na região econômica Sudoeste e mesorregião o centro-sul

do Estado da Bahia, situada a 509 km da Capital Salvador, e 113,3 km do município Divisa Alegre, Estado de Minas Gerais, com destaque pela altitude de 923 metros, tendo planalto como relevo, caatinga e algumas áreas de mata como vegetação predominante e o clima de subúmido a seco, com temperatura média de 20° C.

Vitória da Conquista, inicialmente destacou-se pela agricultura e pecuária, principalmente com a produção do café. Ao longo dos últimos anos, a economia sofreu modificações, potencializando outros setores como o terciário (serviços) – indústria, comércio e serviço educacional, conquistando o título de capital regional pelos estudos sobre a Região de Influência das Cidades (REGIC), (IBGE, 2008).

Nesta perspectiva, conforme levantamento de 2014, as principais atividades econômicas são o comércio (20%), construção civil (17%), administração pública (16%), indústrias de transformação (9,4%), transporte e correio (8,2%), saúde e serviços sociais (6,0%), (DATAPEDIA, 2017).

Posto isto, conforme o REGIC (IBGE, 2008) a cidade é uma área de influência urbana e ocupa o espaço de articulação geoeconômica intermunicipal, e como polo econômico regional, exerce uma posição de liderança e centralidade em relação às outras cidades, influenciando mais de 70 cidades. Os municípios limítrofes são Anagé, Barra do Choça, Belo Campo, Cândido Sales, Encruzilhada, Itambé, Planalto e Ribeirão do Largo e os distritos são: Cabeceira da Jibóia, Cercadinho, Bate Pé, Dantelândia, Inhobim, Iguá, José Gonçalves, Pradoso, São Sebastião, Veredinha e São João da Vitória (IBGE, 2017).

A cidade de Vitória da Conquista se caracteriza por um espaço com predominância dos interesses econômicos das classes dominantes, que imprimem na paisagem conquistenses a lógica capitalista, proporcionando uma valorização territorial da cidade, presente nos seguintes bairros: Distrito Industrial de Imborés, área de concentração industrial; e os bairros predominantemente residenciais e de alta renda, tais quais: Candeias, Recreio, Centro e Universidade (IBGE, 2017).

No entanto, os outros bairros da cidade são também predominantemente residenciais, de alta, média e baixa renda, assim como, Boa Vista, Guarani, Felícia, Airton Senna, N.Sra. Aparecida, Ibirapuera, B. Brasil, Campinhos, Primavera, Jurema, Lagoa das Flores e os bairros Espírito Santo, Alto Maron, Patagônia, Zabelê, Bateias,

Cruzeiro, Jatobá, Campinhos, São Pedro são hegemonicamente residenciais, porém concentram a população mais baixa e de extrema pobreza (IBGE, 2017).

De acordo com o último Censo Demográfico (2010), Vitória da Conquista, tinha 306.866 pessoas e a população estimada de 2019 foi de 338.480 mil habitantes. Analisar os dados do IBGE em relação ao aumento populacional é perceber o crescimento significativo, evidenciando uma expansão da malha urbana dessa cidade, em que no censo de 2000, a população residente era de 262.494 habitantes, com um aumento significativo de 75.986 mil pessoas em 2019 (IBGE, 2017).

Sendo assim, cumpre salientar que Vitória da Conquista em 2010 teve um aumento no índice demográfico, pois a expectativa de vida ao nascer foi de 72,30 anos, a taxa de mortalidade infantil caiu em número de óbitos, em 2008 era de 108, sendo que em 2010 caíram para 86 óbitos por mil nascidos vivos IBGE (2017).

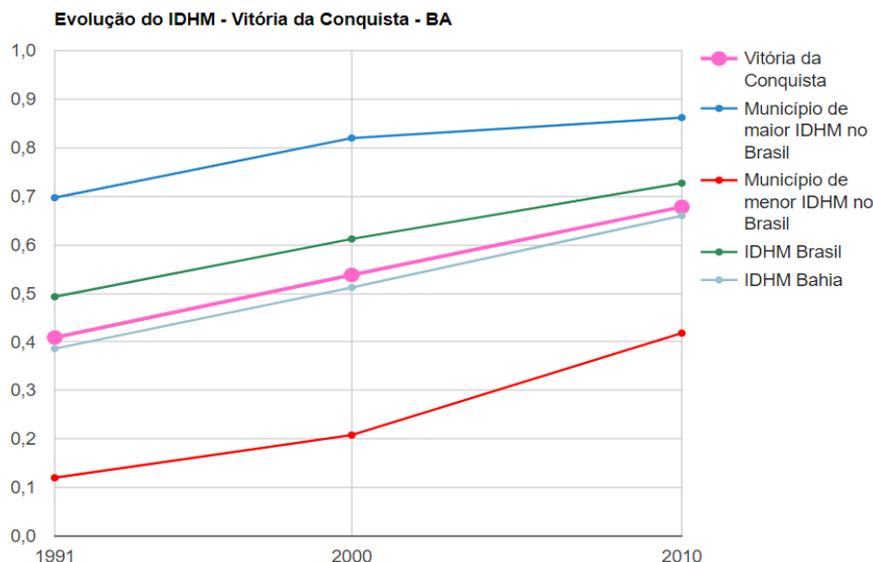
Além da observação sobre os dados de crescimento populacional, redução de mortalidade e aumento na expectativa de vida na cidade de Vitória da Conquista, é importante analisar os dados socioeconômicos e urbanísticos que afetam diretamente o padrão de urbanização, pois ao observar os dados em relação ao crescimento, desemprego, renda, violência, saneamento, habitação, compreende-se o processo de urbanização e estruturação de uma cidade.

Segundo a plataforma sobre dados geoeconômicos, Datapedia, ao compilar os dados fornecidos pelos Atlas (2013) e Censo (2010), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Vitória da Conquista é de 0,678, baseado nos índices em relação à longevidade (0,788 de IDHM), educação (0,581 de IDHM) e Renda (0,681 de IDHM), ocupando o município a faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699), (DATAPEDIA, 2017).

Ao observar a evolução do IDHM de Vitória da Conquista (Figura 1 e 2), percebe-se que em 1991 era de 0,409, e em 2010 de 0,678 (mencionado anteriormente), demonstrando uma taxa de crescimento de 65,77%, enquanto o IDHM da Unidade Federativa (UF) teve 70% de crescimento, passando de 0,386 em 1991 para 0,660 em 2010 (ATLAS, 2013), e vale ressaltar, que a capital da Bahia, Salvador, em 2010 teve 0,743 de IDHM, ou seja, a capital ocupa a faixa de

Desenvolvimento Humano Alta (IDHM entre 0,700 e 0,799), (ATLAS, 2013).

**Figura 1 - Evolução do IDHM - Vitória da Conquista – BA (1991-2010)**

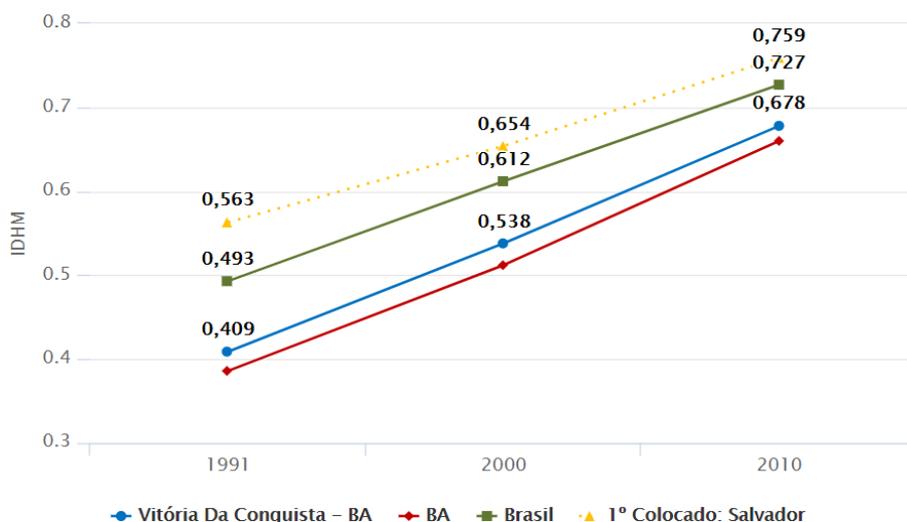


Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Fonte: (Atlas, 2013.)

**Figura 2 - IDH Municipal (1991-2010)**

IDH Municipal (1991 - 2010)



Highcharts.com

Atlas Brasil 2013 - Censo 2010 | Organizado por Datapedia.info

**Nota Técnica:** Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Média geométrica dos índices das dimensões Renda, Educação e Longevidade, com pesos iguais. Fonte: Atlas Brasil e Radar Atlas Brasil.

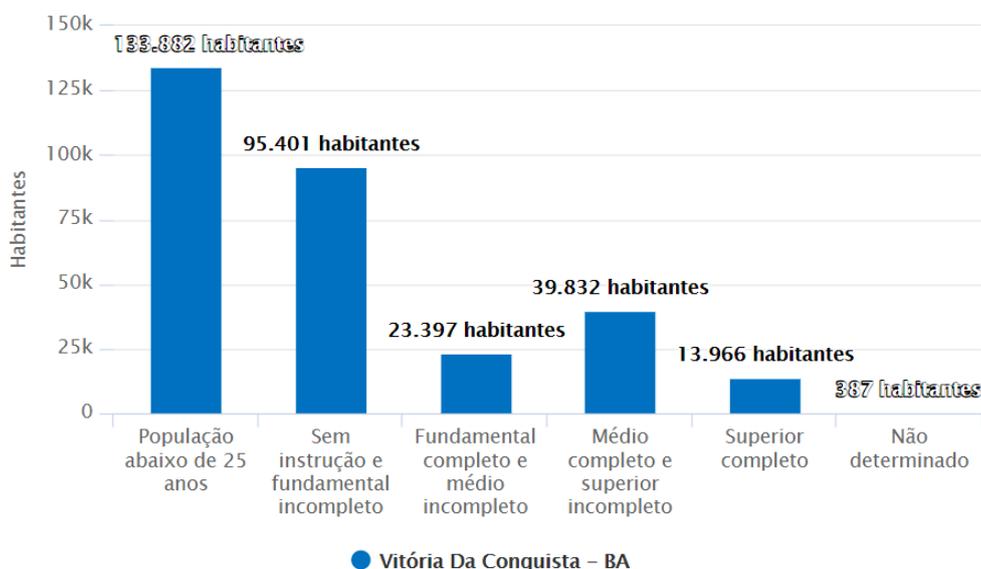
Fonte: (Datapedia, 2017.)

Após a demonstração dos IDHM, fornecido pelo Atlas de Desenvolvimento Humano, Vitória da Conquista ocupa a 2481ª posição entre os 5.565 municípios do Brasil, sendo que a Cidade de São Caetano do Sul, interior do Estado de São Paulo, ocupa a 1ª posição com 0,862 (maior IDHM) e Melgaço, interior do Estado do Pará, com o menor índice de 0,418. Entre as regiões metropolitanas do Brasil, a capital Salvador, ocupa a 16ª posição entre as 21 capitais brasileiras com 0,743 de IDHM, Florianópolis, Capital de Santa Catarina, tem o maior IDHM de 0,815 e em última posição se encontra Petrolina-Juazeiro com 0,660 de IDHM (ATLAS, 2013).

De acordo a Figura 3, a distribuição da qualificação da população de Vitória da Conquista, censo de 2010, elaborado pelo Datapedia (2017), ao analisar as pessoas acima de 25 anos em relação ao grau de instrução, percebe-se que 13.966 mil habitantes tem nível superior completo, no entanto, 95.401 mil habitantes tem fundamental incompleto ou sem instrução (DATAPEDIA, 2017).

**Figura 3 - Distribuição da qualificação da população de Vitória da Conquista (2010)**

Distribuição da qualificação da população (2010)



Fonte: IBGE - Censo Demográfico | Organizado por Datapedia.info

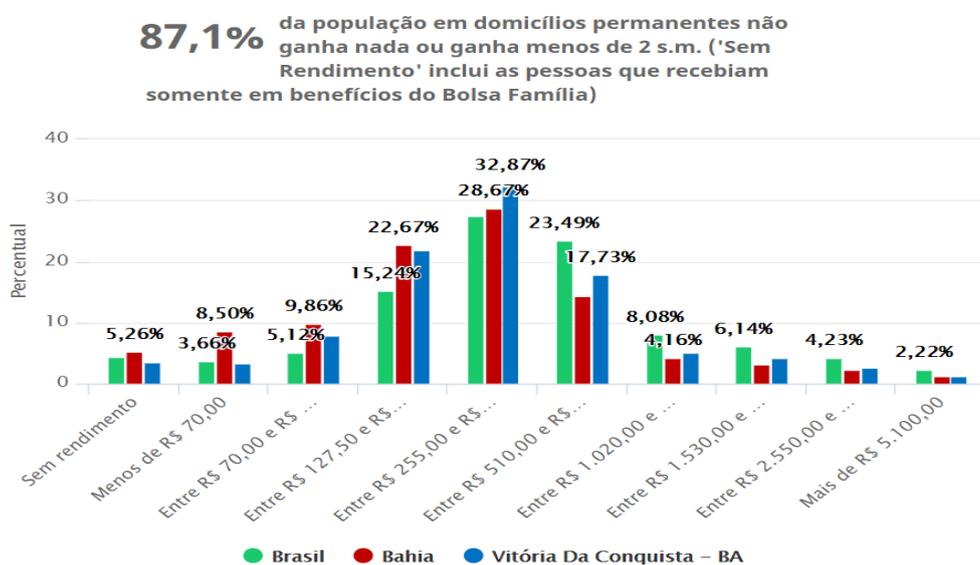
Nota Técnica: Tabela 3460 - IBGE. Os dados de níveis de instrução são referentes à pessoas acima de 25 anos, exceto a informação específica de população abaixo de 25 anos

Fonte: (Datapedia, 2017)

De acordo a Figura 4 - distribuição percentual por classes de rendimentos, 87,1% da população em domicílio permanente, não ganha nada ou apenas o benefício da bolsa família, e, apenas 1,17 % da população ganham mais de 5.100,00 reais, sendo a renda *per capita* da cidade de 555,66 reais e a renda *per capita* da capital Salvador é de 973,00 (DATAPEDIA, 2017).

**Figura 4 - Distribuição percentual por classes de rendimentos de Vitória da Conquista, 2010.**

Distribuição percentual por classes de rendimento mensal de pessoas por domicílios (2010)



Fonte: IBGE - Censo Demográfico | Organizado por Datapedia.info  
 Nota Técnica: Elaboração própria. Fonte: IBGE Tabela 3563 - Domicílios particulares permanentes, Valor do rendimento nominal médio mensal per capita e mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes, segundo a situação do domicílio e as classes de rendimento nominal mensal domiciliar. Valores em reais de 01/agosto de 2010.

Fonte: (Datapedia, 2017)

Completando os dados demonstrados pelo Datapedia, o IBGE destaca que em 2017, em Vitória da Conquista, a média salarial era de 2.0 salários mínimos, no entanto, apenas 22,2% dos conquistenses têm ocupação fixa e em relação aos domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, são 39,7% (IBGE, 2017), obtendo uma taxa média anual de 3,57% de crescimento.

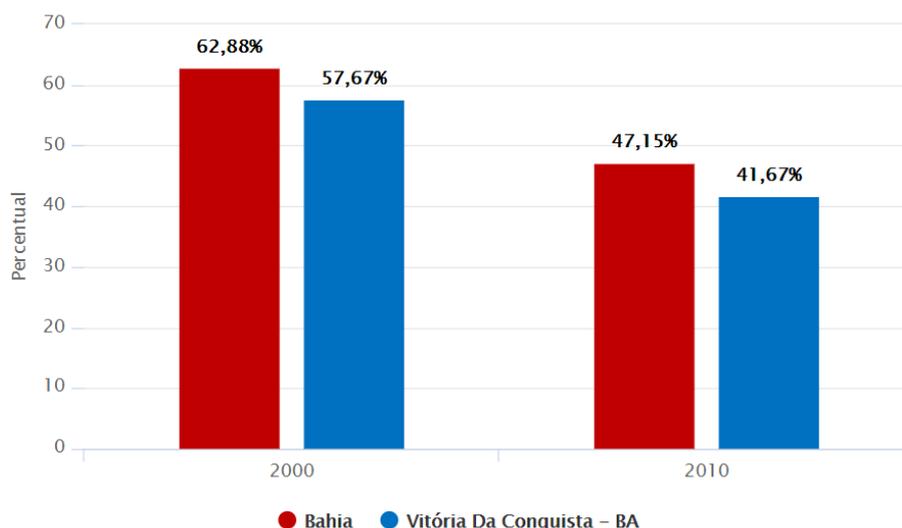
Ao observar a evolução da desigualdade de renda domiciliar, *per capita* através do Índice de Gini (instrumento de medição do grau de concentração de renda), Vitória da Conquista em 1991 era de 0,60, em 2000 era de 0,62 e em 2010

passou para 0,55, quando o índice tem valor igual a um (1) quer dizer que a desigualdade é máxima (ATLAS, 2013).

Completando esses dados, a Figura 5 demonstra a evolução em porcentagem de pessoas acima de 18 anos sem ensino fundamental completo e em ocupação informal em 1991, Vitória da Conquista tinha 57,67 %, e a Bahia tinha 62,88%, reduzindo esse percentual em 2010, tendo Vitória da Conquista com 41,67% e Salvador reduziu para 47,15%.

### Figura 5 - Ocupação informal Vitória da Conquista (2000 – 2010)

Evolução % de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal (1991 - 2010)



Atlas Brasil 2013 - Censo 2010 | Organizado por Datapedia.info

**Nota Técnica:** Razão entre as pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal e a população total nesta faixa etária multiplicado por 100. Ocupação informal implica que trabalham mas não são: empregados com carteira de trabalho assinada, militares do exército, da marinha, da aeronáutica, da polícia militar ou do corpo de bombeiros, empregados pelo regime jurídico dos funcionários públicos ou empregadores e trabalhadores por conta própria com contribuição a instituto de previdência oficial.

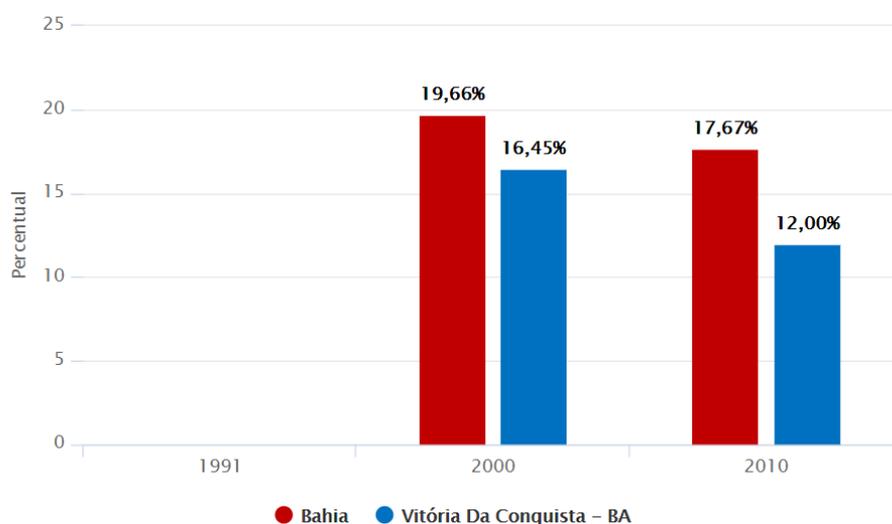
Fonte: (Datapedia, 2017.)

Mesmo apresentando uma economia positiva, essa realidade não apresenta equidade diante de outros habitantes, pois, os baixos salários e pouca escolaridade provocam em uma cidade o aumento da violência, como também a exclusão das classes sociais de baixa renda, como demonstrado na figura 6, em que os jovens entre 15 a 24 anos não estudam e nem trabalham, estando estes vulneráveis à pobreza. Muitos entram na criminalidade, de acordo os dados fornecidos pelo

Datapedia em 2012, a evolução de homicídios de jovens em Vitória da Conquista com idade entre 15 a 24 anos são preocupantes, 117 óbitos, ou seja, com taxa de 131,38 óbitos a cada 100 mil jovens (DATAPEDIA, 2017). Ao comparar a evolução de homicídios de jovens entre 15 a 24 anos da Cidade de São Caetano do Sul, interior do Estado de São Paulo, que ocupa 1ª posição de IDHM no Brasil, esta teve 0 óbitos, ou seja, a taxa foi de 0,00 óbitos a cada 100 mil habitantes (DATAPEDIA, 2017).

### Figura 6 - Vulnerabilidade Social em Vitória da Conquista (2000-2010)

Evolução % de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza (1991 - 2010)



Atlas Brasil 2013 - Censo 2010 | Organizado por Datapedia.info

**Nota Técnica:** Razão entre as pessoas de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza e a população total nesta faixa etária multiplicado por 100. Define-se como vulneráveis à pobreza as pessoas que moram em domicílios com renda per capita inferior a 1/2 salário mínimo de agosto de 2010. São considerados apenas os domicílios particulares permanentes.

Fonte: (Datapedia, 2017.)

De acordo o Datapedia (2017), a população vulnerável de Vitória da Conquista, na comparação regional em 2010 é de 125.373 mil habitantes, desses, 17.058 mil estão abaixo da linha de extrema pobreza, analisando a evolução dessa população, em 1991 eram de 22,33%, em 2000 de 14,01% e em 2010 passou a ser 5,60% (DATAPEDIA, 2017).

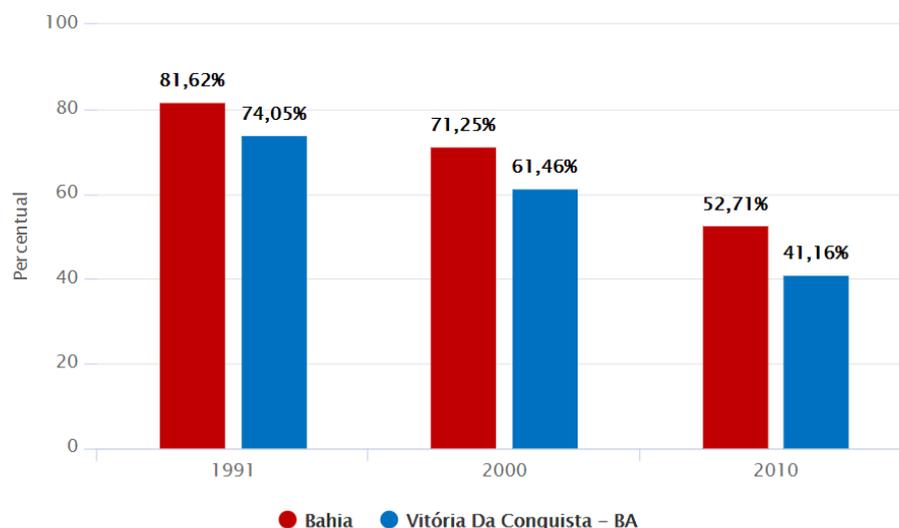
Outro ponto importante a ser observado são as crianças de 0 a 14 anos vulneráveis a Pobreza na comparação regional, sendo 45.169 mil habitantes, destes,

7.139 estão abaixo da linha de extrema pobreza na comparação regional (2010). A evolução da População de 0 a 14 anos Vulnerável a Pobreza (1991 - 2010) pertencente a uma renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$ 255,00 mensais com domicílios particulares, em 1991 era de 79,99%, em 2000, passa a ser de 72,64%, em 2010 reduziu um pouco para 58,84%, outro fato relevante são as crianças que estão abaixo da linha da extrema pobreza com 31,31% em 1991, 21,96% em 2000 e em 2010 reduziu para 9,30% (DATAPEDIA, 2017).

Conforme demonstrado na Figura 7, houve uma evolução da população vulnerável a pobreza, que em 1991, Vitória da Conquista era de 74,05 %, em 2000 era de 61,46% e em 2010 passou para 41,16%.

### Figura 7 - Evolução % da População Vulnerável a Pobreza em Vitória da Conquista (1991 - 2010)

Evolução % da População Vulnerável a Pobreza (1991 - 2010)



Atlas Brasil 2013 - Censo 2010 | Organizado por Datapedia.info

**Nota Técnica:** Proporção dos indivíduos com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 255,00 mensais, em reais de agosto de 2010, equivalente a 1/2 salário mínimo nessa data. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.

Fonte: (Datapedia, 2017.)

Em meio aos dados positivos e de evolução percebidos nas figuras em relação à vulnerabilidade, percebe-se que Vitória da Conquista sendo uma cidade de médio porte revela um processo de expansão populacional, educacional e econômico, no

entanto, exprime em sua paisagem uma desigualdade social, em que muitas crianças, jovens e adultos não vivenciam a cidade em sua potencialidade e dinamismo produtivo, como demonstrado nos gráficos anteriores em que há um grupo de pessoas que vivem em extrema pobreza.

Em relação aos aspectos urbanísticos, Vitória da Conquista apresenta dados com melhoria, porém ainda preocupantes, pois a evolução percentual de pessoas em domicílios com abastecimento de água e com esgotamento sanitário inadequados em 1991 era de 15,65% em 2010 reduziu para 6,33% - razão entre as pessoas que vivem em domicílios permanentes cujo abastecimento de água não provém de rede geral e não há esgotamento sanitário, nem rede coletora de esgoto ou fossa séptica, multiplicada por 100. Outro dado importante é o número de pessoas em domicílios sem água encanada e banheiro em 2010, um total de 39.507 mil habitantes (DATAPEDIA, 2017).

Dando continuidade em relação aos domicílios, o levantamento do último censo demográfico em 2010, apenas 58,3% tem esgotamento sanitário adequado, 55,2% dos domicílios na malha urbana estão em vias públicas com arborização e somente 6,9% dos domicílios urbanos estão em vias públicas com urbanização adequada, ou seja, com a presença de infraestrutura como: bueiros, calçadas, pavimentação e meio-fio (IBGE, 2017).

Ainda dentro dos parâmetros urbanísticos, os dados fornecidos pela Atlas do Desenvolvimento Humano, figura 8, retrata um avanço no quesito habitação, em que no município de Vitória da Conquista, os domicílios permanentes em 2010, 91,58% da população vivem em domicílio com água encanada, 99,19 % da população conta em seus domicílios com energia elétrica e 96,81% dos domicílios tem coleta de lixo (ATLAS, 2013). Segundo as informações da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, o programa federal Minha Casa Minha vida, em 2013 entregou 2.832 unidades habitacionais e foram contratadas aproximadamente 13 mil residências, e o município conta com 46.710 mil famílias registradas no Cadastro Único dos Programas Sociais (CadÚnico) (PMVC, 2013).

**Figura 8 – Habitação em Vitória da Conquista (1991-2010)**

Indicadores de Habitação - Município - Vitória da Conquista - BA

	1991	2000	2010
% da população em domicílios com água encanada	60,70	74,63	91,58
% da população em domicílios com energia elétrica	88,09	94,58	99,19
% da população em domicílios com coleta de lixo	80,80	94,40	96,81

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Fonte: (Atlas, 2013.)

Após a contextualização do município diante dos indicadores, percebe-se a importância de compreender tanto o papel que desempenha quanto as relações que desenvolve no processo de urbanização. Mendonça (2004) *apud* ZANELLA (2006) faz a seguinte consideração:

[...] a cidade [...] não é somente uma construção humana; ela é esta construção somada a todo um suporte que a precedeu – Natureza – mais as atividades humanas. Da interação entre estas dimensões da realidade produzem-se ambientes aprazíveis e com ótimas condições para o desenvolvimento da vida do homem, porém, em grande parte, ambientes desagradáveis, degradados e altamente problemáticos são também produzidos. Uma quantidade de seres humanos vivem nestes últimos e é preciso buscar formas de melhorá-los (ZANELLA, 2006).

O meio urbano das cidades médias, como Vitória da Conquista, evidenciado nas taxas, mesmo proporcionando ambientes com ótimas condições para o desenvolvimento da vida do homem, como ocorre nos bairros com infraestrutura satisfatória como bairros Candeias, Recreio, Centro, Universidade, Boa Vista, Guarani, Felícia, Airton Senna, N.Sra. Aparecida, Ibirapuera, B. Brasil, Campinhos, Primavera, Jurema, Lagoa das Flores, no entanto, percebe-se a presença de infraestrutura precária e problemáticos (vulneráveis), sendo ocupados pelas classes menos favorecidas, presentes nos bairros Espírito Santo, Alto Maron, Patagônia, Zabelê, Bateias, Cruzeiro, Jatobá, Campinhos, São Pedro.

A oferta de infraestrutura eficiente (redes de água, esgoto, coleta de lixo, calçadas, energia elétrica, ruas pavimentadas, postos de saúde, dentre outros) é

executada primeiramente nos bairros nobres, centrais e de classe média. Contraindo-se a ela, ergue-se uma cidade informal, com a ausência de infraestrutura adequada e necessária ao desenvolvimento da vida do homem. ZANELLA (2006) aponta:

As estratégias urbanas, no sentido de reagir a tais inconvenientes, [...] pressupõem tratamento em dois campos: planejamento e gestão do uso do solo e da infraestrutura urbana. Entretanto, as cidades e áreas metropolitanas brasileiras apresentam deficiências crônicas nestes aspectos, pois crescem em proporção inversa à capacidade dos gestores de planejá-las e dotá-las de infraestrutura. (ZANELLA 2006, p.34)

As cidades médias, repetindo a mesma trajetória das metrópoles, vivenciam uma urbanização contraditória que ultrapassa as desigualdades econômicas, pois expõem desigualdades multidimensionais, demonstradas nos indicadores demográficos, socioeconômicos e urbanísticos, em que os indicadores mesmo tão positivos em sua maioria, evidenciam claramente as contradições no espaço urbano da cidade, ocasionando uma segregação sócio-espacial, em que as classes sociais são separadas no espaço urbano, evidenciando claramente a desigualdade social do espaço e a organização de acordo as regras do capital (FRANÇA; ALMEIDA, 2015).

### **Considerações Finais**

A produção do espaço urbano é a expressão visível de como a sociedade está organizada, e, nesse espaço urbano são reproduzidas as desigualdades sociais da sociedade. As cidades, em especial, Vitória da Conquista, em todo o processo de urbanização, ou seja, desde sua fundação, imprimem em sua paisagem as “marcas” da desigualdade, em que o acesso aos espaços de maior ou menor valorização, é determinado pelo poder aquisitivo das pessoas.

As cidades de médio porte, mesmo apresentando índices satisfatórios e promissores de crescimento populacional e bons índices de desenvolvimento sócio-econômicos, produzem seus espaços de forma desigual, em que as classes socialmente desfavorecidas enfrentam problemas sociais não vivenciados pelas classes mais abastadas. O processo de construção do espaço urbano, ambientes

agradáveis e desagradáveis, é perceptível nos espaços urbanos de Vitória da Conquista.

O (re) pensar do urbano de Vitória da Conquista não deve ser apenas pontuada, cabe uma democratização do acesso à malha urbana, com o intuito de distribuir satisfatoriamente os espaços, criando ambientes agradáveis e com infraestrutura completa, independentes da valorização do solo ou da classe social para que as oportunidades propagadas sobre a cidade de Vitória da Conquista sejam para todos, inclusive para as famílias enquadradas na linha de pobreza e extrema de pobreza.

## Referências

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil: Vitória da Conquista. Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/vitoria-da-conquista\\_ba](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/vitoria-da-conquista_ba). Acesso em: 9 jun. 2020.

BOTELHO, Adriano. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Cadernos Metrópole.**, [S.l.], n. 18, fev. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/8727>. Acesso em: 26 jun. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. **Estud. av.**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 303-314, 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142009000200021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000200021&lng=en&nrm=iso). Acesso em 09. Mar. 2020

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

DATAPEDIA: Vitória da Conquista, 2017. Disponível em: <https://datapedia.info/cidade/6253/ba/vitoria-da-conquista>. Acesso em: 21 jan. 2020.

FRANÇA, I. S.; ALMEIDA, M. I. S. A. O processo de verticalização urbana em cidades medias e a produção do espaço em Montes Claros (MG). **Boletim Gaúcho de Geografia**, [online], v. 42, n. 2, p. 584-610, mai. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/52944>. Acesso em: 26 jun. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2010**. Vitória da Conquista, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Regiões de influência das cidades**. 2008. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190p. (El espacio. In LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, 190p.).

LOBODA, C.R.; SCHMIDT, L. P. A Cidade enquanto um espaço desigual: o caso de Guarapuava – PR. In: **Caminhos de Geografia. Uberlândia**. v. 13, n. 44.p. 21-03. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/40382>. Acesso em: 21 jan. 2020.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, out. de 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400004&lng=en&nrm=iso). Acesso em 09. Mar. 2020.

Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC). **Avanços e perspectivas desenvolvimento social acolhe cidadãos em situação de vulnerabilidade**. Vitória da Conquista, 2013. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/avancos-e-perspectivas-desenvolvimento-social-acolhe-cidadaos-em-situacao-de-vulnerabilidade/>. Acesso em 16 Jun 2020.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 54, 1977. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092/949>. Acesso em 16 Jun 2020.

\_\_\_\_\_. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHERER, Clauber Eduardo Marchezan; AMARAL, Pedro Vasconcelos Maia do. O espaço e o lugar das cidades médias na rede urbana brasileira. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.**, São Paulo, v. 22, e202001, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2317-15292020000100401&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-15292020000100401&lng=en&nrm=iso). Acesso em 16 Jun 2020.

TORO, Mariana Alejandra Roedel Salles. A produção do espaço e suas contradições: possibilidades para a construção de novos caminhos. **História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF**, [S.l.], v. 4, n. 1, set. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/25706>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ZANELLA, Maria Elisa. **Inundações urbanas em Curitiba/PR**: impactos, riscos e vulnerabilidade socioambiental no bairro Cajuru. Curitiba: Editora UFPR, 2006. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/3488/teseelisa1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 Jun 2020

---

<sup>1</sup> **Priscilla Sandes Ferraz**: Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado da Bahia. Professora do Instituto Educacional Santo Agostinho – FASA/Vitória da Conquista. Bahia/Brasil. [prisandesarquitetura@gmail.com](mailto:prisandesarquitetura@gmail.com). **Vilomar Sandes Sampaio**: Doutor em Geografia; Professor da Universidade do Estado da Bahia (graduação e Pós-Graduação em Geografia). Bahia/Brasil. [vilomar@uesb.edu.br](mailto:vilomar@uesb.edu.br).